

A CONTRIBUIÇÃO DA DANÇA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO PSICO MOTOR DOS DEFICIENTES INTELECTUAIS (DI) NA APAE DE ITAITUBA PARÁ.

Odaleia do Socorro Oliveira Farias¹

Jessé Cruz²

Resumo

A deficiência Intelectual nada mais é que um atraso no cognitivo da pessoa portadora, trazendo consigo dificuldades de armazenamento de informações na memória, e, uma das dificuldades mais agravante para a dança é a falta de coordenação motora. Este artigo, traz em seu conteúdo o relato do desenvolvimento de um trabalho realizado na APAE de Itaituba no Estado do Pará, desenvolvido com pessoas portadoras de Deficiência Intelectual (DI) através da dança escolar e, alcançando resultados significativos no desenvolvimento dos mesmos, onde hoje já possui uma companhia de dança que faz apresentações em eventos sociais e escolares na cidade, orientados pelo profissional de dança escolar através do processo ensino-aprendizagem e, como eles desenvolveram habilidades rítmicas corporais, motoras e psicológicas para assimilarem um processo coreográfico, saindo do desconhecido ao palco de um dos maiores teatros do Brasil. O professor iniciou seu trabalho com os alunos (DI) através do processo de observação, posteriormente introduziu movimentos simples para que eles reproduzissem e gradativamente fossem realizando os movimentos em grupos através de extensivas repetições, que é um método muito utilizado pela Educação Especial até que o movimento automatize no corpo e mente. Algumas atividades para melhorar a lateralidade, direcionamento, coordenação motora e rítmica também foram utilizadas pelo professor, haja vista que, até o momento, a vivência com a dança era mínima. Este processo tornou-se uma experiência enriquecedora tanto para as pessoas com deficiência Intelectual, quanto para o professor que até o momento também não tinha conhecimento nesse processo de um ano de atividade.

Palavras-chave: Deficiência Intelectual. Dança Escola. Aprendizado. Movimento. Coreografia.

1 INTRODUÇÃO

Deficiência Intelectual ou atraso mental é um termo que se usa quando uma pessoa apresenta certas limitações no seu funcionamento mental e no desempenho de tarefas como as de comunicação, cuidado pessoal, relacionamento social, habilidades acadêmicas, etc. (SANTOS, 2012)

¹ Licenciada em Educação Física. Email: leafarias@hotmail.com

A deficiência mental constitui um impasse para o ensino na escola comum e para a definição do Atendimento Educacional Especializado, pela complexidade do seu conceito e pela grande quantidade e variedades de abordagens do mesmo. (GOMES, 2007)

Estas limitações provocam uma maior lentidão na aprendizagem e no desenvolvimento dessas pessoas. (SANTOS, 2012)

Há três anos a APAE de Itaituba começou a realizar um trabalho de danças e artes cênicas com seus alunos com Déficit Intelectual (DI) que, até o momento ainda não recebiam esse tipo de ensinamento. O professor responsável pela disciplina de dança escolar e artes cênicas deparou-se com um quadro totalmente comprometido de desconhecimento do compasso. A rítmica corporal dentro do compasso musical foi um processo desafiador, pois os alunos na faixa etária de 16 a 40 anos não demonstravam nenhum domínio individual e coletivo, tornando assim, bem difícil o processo na construção de um trabalho coreográfico.

O aluno com deficiência mental tem dificuldade de construir conhecimento como os demais e de demonstrar a sua capacidade cognitiva, principalmente nas escolas que mantêm um modelo conservador de ensino e uma gestão autoritária e centralizadora. (GOMES, 2007)

A dança escolar, muito utilizada em escolas públicas e particulares, com ênfase no quadro social da instituição educacional, a cada ano vem ganhando mais espaço e permitindo um desenvolvimento significativo em seus alunos desde as séries iniciais. Este trabalho tem resultados surpreendentes com os “ditos normais”, contudo, por outro lado, na maioria das vezes, os alunos com déficit intelectual (DI), normalmente são deixados de lado pelo fato de não acompanharem o aprendizado coreográfico e musical proposto.

A deficiência não é uma categoria com perfis clínicos estáveis, sendo estabelecida em função da resposta educacional. O sistema educacional pode, portanto, intervir para favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem dos alunos com algumas características “deficitárias”. (COLL et al., 1995 p.12)

A proposta da APAE de Itaituba no Pará foi permitir que alunos com DI tivessem diretamente esse convívio educacional especializado para com a dança e, os resultados foram surpreendentes, tanto para o professor quanto para pais e instituição.

2 A IMPORTÂNCIA DO DESENVOLVIMENTO MOTOR PARA A DANÇA

De acordo com os estágios de desenvolvimento intelectual de Piaget a criança aos 2 anos já adquiriu seu controle sensório-motor, e entre 2 e 4 anos de idade é capaz de extrair conceitos de experiências. Salienta a importância das experiências percepto-motoras como facilitadores do desenvolvimento cognitivo bem como do

desenvolvimento físico e, dessas experiências como fator inicial de estimulação das necessidades para externar interesses de movimentos significativos (NANNI, 2001)

Os estágios de Piaget foram desenvolvidos e analisados para uma pessoa com o desenvolvimento motor intelectual “dito normal”, e sabemos que para o desenvolvimento da pessoa portadora com “Déficit Intelectual” (DI), estes estágios sofrem alterações significativas de retrocesso no desenvolvimento.

O atraso no desenvolvimento dos portadores de Deficiência Intelectual pode se dar em nível neuro-psicomotor, quando então a criança demora em firmar a cabeça, sentar, andar e falar. Pode ainda dar-se em nível de aprendizado com notável dificuldade de compreensão de normas e ordens, dificultando no aprendizado escolar. (SANTOS, 2012)

A introdução de um processo de ensino-aprendizagem na dança para as pessoas com Deficiência Intelectual deu-se de forma similar ao processo desenvolvido para as crianças de pré-escola, sendo que nunca tiveram esta experiência, como relata Nanni em 2001, onde afirma que a estratégia do ensino da dança precisa ser de forma recreativa, estabelecendo um ambiente que estimule possibilidades, explorações, experiências bem-sucedidas. Tornando sua capacidade de lidar com o corpo em várias situações ambientais mais sucedidas.

Para Souza 2012, pessoas com Deficiência Intelectual são capazes de estar e persistir muito mais tempo que outras em uma determinada tarefa, por mais repetitiva que seja, enfatiza o autor que eles gostam da repetição e da rotina e que as novidades devem ser introduzidas em doses razoáveis, sem perturbar seu equilíbrio emocional. A partir deste conceito, segue este artigo com os processos de laboratórios de dança com as pessoas portadoras de deficiência Intelectual, utilizando-se desses e outros recursos para se atingir um desenvolvimento psico motor com os mesmos através da dança escolar.

2.1 A RELAÇÃO DO ALUNO (DI) COM A DANÇA ESCOLAR

A primeira experiência do professor de dança escolar com os deficientes intelectuais da APAE de Itaituba foi um choque. Ao perceber de que se tratava de pessoas completamente desprovidas de pouco armazenamento de memória, parecia impossível extrair uma sequência coreográfica de movimentos dos mesmos. Porém, a persistência e a vontade de descobrir até onde eles poderiam alcançar, fez com que o professor continuasse a buscar estratégias que os levasse a reproduzir movimentos rítmicos corporais individuais e coletivamente.

Vale ressaltar que o professor em questão trazia consigo uma experiência de dança escolar com o Ensino Regular do Infantil ao Médio, porém, nunca havia trabalho com a Educação Especial. Tornando assim o desafio maior, pois ter ou não

conhecimento de um universo ao seu redor, faz qualquer processo de ensino aprendizagem ser mais acessível ou não.

A primeira sensação do professor foi: O que estou fazendo aqui?! O que vou fazer com essas pessoas agora?! Por que lidar com pessoas de intelecto dito normal é simples. Você sabe que vai desenvolver um exercício ou um movimento e ele automaticamente vai responder a isso, e mais, no outro dia ele lembrará do que você ensinou. Já com pessoas com déficit Intelectual o feedback pode ser muito lento, pode nem acontecer.

Este artigo traz em seu conteúdo claro e objetivo como foi possível o processo de ensino aprendizagem entre alunos com (DI) e professor, num misterioso mundo onde você realmente descobre que existe sim a possibilidade de alcançar resultados positivos com pessoas deficientes físicas. De que elas só têm uma diferença intelectual dos ditos normais, mas pode oferecer muito, conviver em sociedade e participar ativamente dos eventos e programações como qualquer outro ser humano. Passar de um coitadinho para alguém que pode se expressar através do movimento, da sua dança, seja ela com técnica ou não. Por que todos nós podemos dançar. Para Isadora Duncan (Americana), cujo seu ideal era o bem-estar comum através da arte, via a dança com os movimentos partindo do interior de cada ser de forma impressionista. (NANNI,2001).

2.2 LABORATÓRIOS DE MOVIMENTOS

2.2.1 INDIVIDUAIS E LIVRES

Baseando-se em (NANNI,2001) e o Estilo de Ensino por descoberta Orientada, onde o professor perde o seu papel onisciente e onipotente e passa ai papel de elementos motivador, orientador e controlador das atividades formativas, dos alunos, se prestando a auxilia-los e esclarece-los.

A primeira atividade a ser desenvolvida com os alunos foi deixar a música leva-los. Numa sala própria e com iluminação e o som ligado com vários ritmos, os alunos ficaram à vontade para realizar seus movimentos de acordo com suas pequenas habilidades, onde muitas delas totalmente fora do compasso e do ritmo pre estabelecimento pela música. Com tudo a primeira característica observada foi a alegria de se mexer sem se importar com o certo e o errado. Outro fator importante observado pelo professor foi a diversidade de expressão rítmica diferenciada entre os alunos com (DI). Foi possível e notório perceber a dificuldade de alguns ser bem mais acentuada de outros. E, isso com certeza só aumentava a dificuldade em atingir um processo coreográfico ventre eles.

Por algumas semanas o professor deixava a música tocar a vontade enquanto eles se divertiam e se soltavam pela sala. E, outro fator foi possível ser

detectado. Eles não tinham restrições com os ritmos. Tudo que a caixa de som emitia, eles vibravam.

Criatividade e processo criativo permitirão ao professor trabalhar ajudando o educando a desenvolver a clareza e o espírito crítico, a se descobrirem e se assumirem em seus compromissos diante da realidade: a serem livres e aprenderem a se organizar. (NANNI,2001).

2.2.2 COLETIVOS E SINCRONIZADOS

Neste momento o professor de dança escolar passou a dançar junto com os alunos e fazer movimentos para que eles repetissem juntos. Baseado em (SANTOS, 2012), era claro a dificuldade de memorização dos alunos. Pois, na aula seguinte eles já não recordavam mais os movimentos realizados pelo professor, voltando tudo a zero. Contudo, a estratégia da repetição continuou por várias semanas até que então, o professor começou a perceber algum registro de memória nos movimentos.

Assim, o professor continuou a estimular os alunos e repetir com eles sempre os mesmos movimentos, acreditando na possível capacidade de que os mesmos guardassem registros na memória, ou também, que seus corpos automatizassem os movimentos ao som da música que ouviam. Em 1989, Portinari, relata em seu livro “ A história da dança”, sobre o homem trazer em seu ser desde os tempos remotos, movimentos rítmicos interiorizados para se comunicar e se aquecer batidas de pés e mãos com sincronismo.

A dança fazia parte de todos acontecimentos importantes da sociedade, como nos nascimentos e funerais, nas colheitas e nas homenagens de caráter místico (religioso) que se prestavam aos elementos da natureza, o sol, o fogo, a chuva e a terra, considerados seres supremos. (BREGALOTO, 2006)

O que difere nas pessoas com Deficiência Intelectual, na maioria das vezes é este sincronismo e a memorização dos movimentos. Desafio este de grande relevância para a construção de um processo coreográfico, porém se levarmos em conta de que ele traz em seu ser a arte de se movimentar, podemos crer na possibilidade alcançar um processo coreográfico com lateralidade, sincronismo harmônico e evolução.

Após algumas semanas de repetições dos movimentos, percebeu-se que alguns dos alunos conseguiram absorver a sequência. Porém o grande trunfo do professor foi realizar movimentos que os alunos pudessem seguir sem muitas variações. Como por exemplo: se todos elevassem os braços a frente, da frente o movimento seguinte já seria a cima da cabeça e da cabeça um círculo dos braços em 360 graus, tudo paulatinamente. Assim, tornando-se mais fácil todos conseguirem realizar uma sequência de braços juntos. Quanto a evolução, o professor começou em fila indiana e da fila indiana, formar o círculo e do círculo a reta. Assim, seria mais fácil para os alunos com deficiência mais acentuada conseguir acompanhar aqueles que conseguiam guardar um pouco de memória. Desta forma, iniciou-se um processo coreográfico com os alunos, trazendo esperanças de um desenvolvimento rítmico e coreográfico.

2.3 PROCESSO COREOGRAFICO

Hoje, na maioria dos trabalhos de dança contemporânea, o corpo se constrói através do processo de criação e não mais a partir de um vocabulário de passos pré-determinados como um repertório de ballet clássico ou outra técnica específica. (SOUZA,2015). E, baseado nesta teoria, iniciou-se um processo coreográfico com os alunos da APAE de Itaituba. Para dar início a este processo, foi escolhido o ritmo carimbó, que muito conhecido, com a batida no chão e evolução coreográfica centrada nas filas e círculos, mostrou-se adequada para os alunos em questão.

O processo de ensino-aprendizagem aplicada pelo professor continuou sendo a introdução de movimentos sequenciados e evolução em cadencia indiana, com muitas, muitas repetições até que eles automatizassem o movimento do corpo ao som da música naturalmente. Era cansativo!? Sim! Muito! porém era tudo o que eles queriam, e, a partir do momento em que descobriram que podiam ir além, que havia sim, a possibilidade de se expressarem, de interagir-se, cada vez mais eles ansiavam pelas aulas de dança e pelos exaustivos ensaios.

SOUZA, 2015 relata claramente em seu livro “Olhares sobre a dança na contemporaneidade” que os corpos ganham consciência de si próprios e expressividades através de repetições e gestos, e foi exatamente isso que aconteceu com os alunos da APAE de Itaituba no Pará. A cada ensaio, eles se doavam mais e mais e isso trouxe a eles um retorno imensurável quando enfim, ao participar do Festival “Nossa Arte”, onde reúne todas as APAEs do Brasil em três estágios de competições sendo: Regional, Estadual e Nacional. A APAE de Itaituba no Pará, sem muitos recursos e investimento, sem registro de um trabalho de dança como outras APAEs do Brasil que já desenvolvem este trabalho há 20 anos, como a APAE da BAHIA, conseguiu levar um projeto de dança folclórica, com requinte de cênica em seu processo, defendendo o ritmo carimbó como tema: Belém, 400 anos que me faz bem”. Conquistando assim o título Regional, Estadual e indo competir bem Recife o Nacional no teatro Guararapes em Recife. Com certeza foi um momento de total realização para Instituição, professor, alunos e pais.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como toda a atividade humana, a dança sofreu o destino das formas e das instituições sociais. Assim, estas perspectivas abrem uma relação entre as

peculiaridades, características e o caráter dos movimentos dançantes e o desenvolvimento sociocultural dos povos em todo os tempos. (NANNI, 20110)

Este artigo traz em si o resultado de um processo de ensino-aprendizagem do cognitivo corporal e, que sem sombra de dúvidas refletindo no emocional e intelectual, por que não dizer assim. Os resultados obtidos com os alunos da APAE de Itaituba foram imensuráveis no que tange as mudanças comportamentais e na resposta às atividades propostas a eles. Hoje encontramos um quadro totalmente diferente do que vimos há três (03) anos.

Pessoas com Déficit Intelectual sim, porém com mais animo, rapidez na assimilação e uma resposta coletiva no que diz respeito ao conjunto dos movimentos. A noção de lateralidade, membros inferiores e superiores, partes do corpo, noção de círculos, filas e fileiras, alinhamento, marcação e principalmente compasso quaternário e oitavas já são par eles conceitos diários, comuns e corriqueiros dos processos coreográficos e exaustivos ensaios.

Há deficiência?! Sim! Porém ela já se mostra pequena diante do auto estima, carisma, dedicação e evolução que estes alunos alcançaram e fizeram toda uma cidade ver também o potencial atingido por eles que até então eram vistos como coitados.

Não há maior presente a este professor, do que ver estes alunos recebendo os aplausos da plateia a cada apresentação. É um momento de total satisfação para eles, par o professor de dança escolar, Instituição e pais.

O momento de dançar para eles não é simplesmente reproduzir movimentos repetidos em extensos ensaios, mas sim, um momento de viver, de se sentir útil, de devolver a sociedade aquilo que todos fazem, de se sentirem importantes, normais, corpo em plenitude ativa na sociedade. Os trás o mais perto possível dos ditos normais. Os torna normais! E isto chama-se inclusão.

Não há perda de tempo o aprendizado da dança escolar, todo momento, a cada segundo é um momento de aprendizado, é um momento de vivência, de conhecer o seu corpo e do colega. Só poderemos viver a inclusão social se permitirmos a estas pessoas este momento de incluso.

A cada convite que a APAE de Itaituba recebe para se apresenta com sua companhia de dança, é um momento nobre de inclusão. Hoje eles saíram das paredes da Instituição e estão participando ativamente do calendário de eventos da cidade, das escolas de danças locais e dos eventos sócias municipais e é com muita satisfação de dever cumprido que este professor afirma que há muito ainda a se melhorar, a crescer, evoluir com estas pessoas especiais.

REFERÊNCIAS

COLL C. et al. Desenvolvimento psicológico e educação: necessidades educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artes Medicas Sul, 1995. v. 3.

SANTOS. Jeane Oliveira. Atendimento Educacional Especializado. Rio de Janeiro.2012

GOMES.Adriana L. Limaverde. Deficiência Mental. Formação Continuada a Distância de Professores para o Atendimento Educacional Especializado. Brasília – DF, 2007.

BREGALATO. Roseli Aparecida . Cultura Corporal Da Dança. Coleção de Educação Física Escolar. CONE.São Paulo-SP: Í,2006.

PORTINARI.Maribel.História da Dança. Nova Fronteira.Rio de Janeiro,1989.

SOUZA. Marco Aurelio Cruz. Olhares sobre a Dança na Contemporaneidade.AMCGUEDES. Rio de Janeiro,2015.

NANNI.Dionísio. Dança Educação. SPRINT. 2001.

ANEXO





